

## Seo Espanhol

O Demerara e o Piauí cruzaram o Atlântico ferozmente. Os passageiros não sabiam da força maligna que traziam, e que transformaria o Brasil inteiro em um vasto hospital. Por alguns meses, ela se alastrou violentamente, mas, logo depois, dissipou-se. Todos começaram a tomar consciência do *influenza* e das mortes decorrentes do vírus quando uma pequena nota do "Correio da Manhã" recomendara:

### Influenza Hespanhola

**Muita hygiene, dormir com as janelas abertas, desinfectar diversas vezes ao dia a bocca e as narinas, limpar os intestinos. A epidemia ataca de preferênciã os organismos predispostos. Não há motivo para ter medo.**

Dias após, nas largas ruas da Lapa, não circulava viva alma. Apenas os espíritos de corpos abandonados à rua vagavam em busca de qualquer diabo que pudesse reconhecê-los ou mesmo ceder-lhes um lençol com que pudessem cobrir sua matéria em vagarosa decomposição. Os poucos que saíam de casa nem sequer percebiam mais aquelas vítimas da *influenza*. A morte reinava na pandemia brasileira, famílias eram destruídas e seus defuntos, levados pelos bondes para valas comuns. O cúmulo funesto se deu quando as lágrimas de despedida, ou a possibilidade de derramá-las apropriadamente, se tornaram um desejo íntimo e popular, pois os velórios foram proibidos por todo o Rio de Janeiro. A avenida Rio Branco ainda não se enchia de gente, somente de medo. Se alguém pisasse o pé para fora de casa, era contaminado e, assim, morria "*espanholado*"... A gripe rodeava cantos pelos quais nem se sabia que pessoas poderiam passar.

Um pequeno bar, situado no bairro da Lapa, encontrava-se aberto: dois senhores com cerca de sessenta anos de idade lá estavam. Pareciam influentes no governo. Pediram aquela bebida cujo teor, segundo o que se dizia, espantava a *influenza*, a caipirinha. Levava limão e mel. Separado dos figurões por alguns metros, estava um homem despreziosamente comum, de trinta e poucos anos, que conversava com o dono bar; guardava um cigarro apagado e bem posicionado na sua orelha esquerda.

Esse homem morava ali perto, a alguns quarteirões, atrás da loja de relógios, em um pequeno quarto, em que cabia sua cama, uma mesa para seu cinzeiro e sua máquina de escrever. Durante a gripe, dedicava-se a escrever breves contos, apesar de não se considerar um escritor. Sabe-se que encontrou sua máquina de escrever num canto empoeirado de uma loja de penhores, e assim a comprou, gastando o dinheiro que usaria para beber com os amigos no bar, mais tarde. Não teve coragem de usá-la até a *espanhola*. Aquilo o atingiu em cheio e logo frases surgiram em sua cabeça. Seus contos eram inspirados pelo choque. Talvez fosse o único que não estivesse cego e conseguisse chorar por estes corpos mal-amados.

Eis que os senhores se levantaram de seus lugares à mesa e se dirigiram até a porta, conversando sobre a gripe. A cada vez que se referiam ao mal, faziam o sinal da cruz, tentando espantar esse mau agouro. Logo em seguida, o homem mais jovem também saiu do bar, arrematando o último trago de cachaça. Segundo línguas inclementes, seu apelido era Espanhol. Nunca se soube ao certo o porquê da denominação, se pelos contos poucos lidos, e datados da *espanhola*, ou se decorrente do seu sotaque incomum. Ninguém sabia o seu verdadeiro nome no Rio de Janeiro.

Alguns dias depois, ele voltou ao bar. Seo Alfredo, o dono, relatou a ele que mais dois fregueses, amigos próximos, morreram dias antes pela gripe. Sem palavras, os dois sentaram por alguns minutos e ouviram apenas o silêncio das ruas pandêmicas. Posteriormente, discutiram a aproximação do carnaval, e Seo Alfredo disse:

— Outro dia passou aqui um rapaz jovem, pedindo dez garrafas de cachaça. Me comunicou que estava levando para as sedes dos blocos de carnaval, que já estavam costurando as roupas e montando os carros alegóricos. Aí, fiquei louco. Falei para ele: 'Mas e a gripe?' e me respondeu, interrompendo: 'Que gripe o quê? Eu quero é pular carnaval!'... Como é que pode falar uma coisa dessas, Seo Espanhol? Ah, que desaforo! Dei as garrafas de cachaça e mandei o moleque logo embora. — cuspiu no chão, enojado dos foliões.

A gripe continuou por mais algumas semanas, perambulando pelas cidades e trazendo terror para quem passasse perto. Um dia, subitamente, assim como veio, foi embora, deixando todos despreocupados com a morte. A esta altura, o Rio tentava reconstruir o dia a dia que havia deixado para trás. O bar de Seo Alfredo andava cheio novamente. Pessoas comemorando o fim da pandemia e o carnaval estava cada vez mais perto de acontecer. As ruas, que antes estavam tão desanimadas, começavam a se encher de esperança e o único pensamento daqueles foliões adiantados eram as marchinhas que não iriam parar de tocar naqueles emblemáticos cinco dias de folia. Essas tocaram tanto, que até os pássaros piaram suas melodias.

Espanhol saiu de seu quarto e foi para a frente da loja de relógios. Demorou-se observando a larga rua pela vitrine. Ele era um homem atento aos detalhes e já tinha percebido a sutil mudança no comportamento do povo carioca. Notou que já não havia motivo para escrever sobre a espanhola, de modo que se propôs a procurar outras alternativas. Tempos mais tarde, escreveu sobre aquele libertino carnaval que sobreveio. O único que o lia era o Seo Alfredo, grande compadre de Espanhol.

Mal começara a sua busca, e o dia vinte e oito de fevereiro chegou ao fim, dando lugar às primeiras horas de março. O sol nasceu cedo e seus raios avisaram os moradores do Rio de Janeiro que o carnaval começaria dentro em pouco. Todos se juntaram nas ruas porque, durante cinco dias, puderam ser foliões felizes e esquecer da obscuridade que tomou a cidade. Corpos dançantes, despreocupados com a espanhola, finalmente sentiram o gosto da vida. Espanhol acordou com o som de uma marchinha que não conhecia, na rua todos cantavam:

*"Na minha casa não se racha lenha / Na minha racha, na minha racha/*

*Na minha casa não há falta d'água/ Na minha abunda, na minha abunda/*

*Na minha casa não se pica fumo/ Na minha pica, na minha pica"*

Os dias foram longos e, à vista disso, Espanhol levantava da cama, tomava café requentado, e colocava uma fantasia de circense com a qual um amigo seu lhe presenteara. Este fazia malabarismo com tudo o que se pudesse imaginar, depois de ter viajado o mundo inteiro com uma companhia argentina famosa, formada há cinquenta anos...

Na segunda manhã, tentou sair da loja e se dirigir à rua, mas havia muitas pessoas. Mesmo assim, passou por essas, tentando chegar na esquina. Quando finalmente conseguiu atravessar, foi em direção ao bar pegar uma cerveja e, ao longe, ouviu todos cantando em um outro bloco próximo:

*"Viva o Zé Pereira/ Que a ninguém faz mal/*

*Viva a pagodeira/ Nos dias de Carnaval /*

*Viva, viva, viva/ Viva o Zé Pereira/ E viva o Carnaval/ Zé Pereira".*

Quando chegou, Seo Alfredo gritava para todos que entravam no bar que a bebida já tinha acabado, e nem meio-dia era ainda... Todavia ele tinha guardado algumas cervejas, pois sabia que Espanhol passaria lá alguma hora. O dono fechou o bar e pegou duas cadeiras, os dois ficaram sentados na rua observando o bloco indo embora e as pessoas atrás dele, passaram a tarde cantando marchinhas e vendo as excentricidades do povo liberto, novo em folha, cuja gente subia nos postes de luz com as partes íntimas à mostra, ou transava nos becos e vielas em meio a toda agitação. A despeito da alegria desenfreada, muitos choraram e caíram de joelhos, lembrando de seus entes queridos que durante a gripe tinham sido pouco cuidados e deram graças que suas lágrimas finalmente podiam ser derramadas.

Os dois dormiram ali mesmo naquelas cadeiras. Espanhol acordou no terceiro dia de março, pegou um cigarro e o fumou vendo que o sol raiara outra vez. Pessoas ainda bêbadas celebravam o carnaval indo atrás de mais bebidas e músicas. Seo Alfredo acordou em seguida e começou a varrer o bar. Espanhol andou pelo Rio passando de bloco em bloco. No da Parcimônia, lembravam-se da doença, cantando assim:

*"Durante o Ano passado/ Ninguém do bloco comia/*

*Tudo era bem guardado/ Para fazer economia/*

*Até que veio a espanhola/ Vestida de epidemia"*

Choraram todos, relembando o tempo difícil. O carnaval tornou-se luto para os que perderam parentes e amigos. Depois, quando o sol começou a se pôr, foi para o bloco dos Gripistas. Lá a gripe também virou marchinha:

*"Se é pra frente que se anda/ vou seguir caminho reto/*

*Vou pedir a Dona Gripe/ que me forme por decreto.../*

*Avante, menino! Avante, rapaz!/ Quem toma quinino não anda pra trás!"*

Espanhol, já bêbado, esbarrou em algumas pessoas e falou com essas que, a despeito de não conhece-lo, trataram-no como se fosse irmão ou amante, porque nestes poucos dias de liberdade, todos se conheceram e se entenderam muito bem. E a lua subiu ao céu em mais uma noite de carnaval. Ainda se podia ouvir marchinhas tocando ao longe e ele foi para casa, repetindo a letra:

*"A gripe está aí/ A coisa não é brincadeira/*

*Quem tiver medo de morrer/ Não venha mais à Penha"*

Acordou em seu pequeno quarto sentindo uma dor insuportável na cabeça, mas lembrou que era carnaval e a folia não parava. Então, colocou sua fantasia de circense novamente e foi às ruas. Essas se tornaram um labirinto de pessoas vestidas de pierrôs, arlequins e colombinas, avenidas cheias do mesmo clássico, e sempre que um rei momo passava, foliões o reverenciavam, davam-lhe todo tipo de coisas: frutas, bebidas... Encheram os reis momos do carnaval de iguarias! Espanhol passou pelas ruas labirínticas e chegou a uma avenida distinta das outras, em que carros, com os capôs abertos, andavam em filas que não se podia ver o final. Chuvas de serpentinas chamavam a atenção das mulheres e confetes eram atirados aos homens em retribuição.

Espanhol subiu em um destes carros, esperando poder pegar uma carona que o levasse para outros blocos, mas percebeu que, na fila de carros ao seu lado, havia uma mulher que o encantava, e ele a desejava muito. Jogou a serpentina para ela, respeitando a tradição da fila dos carros, e ela, intrigada com aquele homem, jogou até ele um punhado de confetes. Ela saiu do carro e o chamou para acompanhá-la. Ele obedeceu. Pararam em uma esquina próxima e ali mesmo, no meio desordem, viveram uma tarde erótica, e brincaram muito. Os foliões que passavam aplaudiram mais esse ato eufórico que aquele carnaval produziu.

O quinto e mais esperado dia do carnaval de 1919 aconteceu. De manhã todos curtiram os pequenos blocos que ainda cantavam a pandemia:

*"Meia-noite vai bater / Minha sogra está doente /  
Vou interná-la num hospital / Dando-lhe o chá bem quente!"*

Toda a gente, no fim da tarde, dirigiu-se para a avenida Rio Branco, em que o curso acontecia. A noite trouxe o Clube dos Democráticos, os Fenianos e os Tenentes do Diabo, que exibiram suas obras de arte nos carros alegóricos.

Espanhol caminhou sozinho com um cigarro entre os dedos em direção à avenida, e uma mão lhe deu um leve tapa nas costas. Virou para ver quem havia lhe tocado e, para sua surpresa, era Seo Alfredo. Disse que tinha fechado o bar mais cedo para poder ver o desfile das sociedades carnavalescas. Caminharam juntos. Ao chegarem lá, os carros alegóricos já passavam pela avenida. O primeiro trazia como tema o "Chá da Meia-Noite", em referência à bebida mortal que diziam ser servida pelos enfermeiros da Santa Casa aos doentes incuráveis, e ali até distribuíram chá palatável para todos, Seo Alfredo tomou três seguidos. Então cantaram, bastante animados:

*"Assim é que é! Viva a folia! / Viva Momo! / Viva a Troça! /  
Não há tristeza que possa / Suportar tanta alegria. /  
Quem não morreu da Espanhola / Quem dela pode escapar /  
Não dá mais tratos à bola / Toca a rir, toca a brincar..."*

Logo em seguida vieram os Fenianos. Já era tarde da noite, mas ninguém saiu da avenida. Eles apresentaram um carro com caveiras que representavam a "dançarina espanhola", cercada por pierrôs, arlequins e colombinas que cantavam assim:

*"Quando aportou ao Brasil / Bela e cheia de meiguice /  
Todo mundo pasmo disse: / – Oh que bela criatura! /  
Mas... depois todos fugiram / Pois seus beijos coruscantes /  
Atiravam os amantes / Ao fundo das sepulturas! /  
Ela apareceu dançando / Numa bela patuscada /  
Mostrando à gente pasmada / O seu níveo colo nu! /  
Mas... depois abrindo o cofre / Das suas belas promessas /  
O Rio pôs às avessas / A Caminho do Caju!"*

Por último, os Tenentes do Diabo apresentaram um carro com mulheres carecas, que lembravam as sobreviventes desesperadas pela perda de cabelo, o que parecia ser uma das sequelas da gripe. Seo Alfredo virou para o Espanhol e contou que a irmã de sua mulher teve este mesmo problema, mas que, agora, seu cabelo já havia crescido de volta.

Depois, quando todos terminaram de se apresentar na avenida e alguns foliões lamentaram antecipadamente o final dos dias libertos, Espanhol passou as penúltimas horas de seu carnaval sentado na calçada do bar de Seo Alfredo. Bebeu e cantou as marchinhas do bloquinho retardatário que passava despreocupado da vida. Já era madrugada, e a última hora do carnaval chegava ao fim. Ao tomar o rumo de casa, completamente bêbado, andando torto pelas calçadas da Lapa, olhou para seus pés, tentando conduzi-los com algum brio para não tropeçar, como num passo de valsa e, ao olhar para cima, neste exato momento, esbarrou com um homem que falava nada com nada. Não sabia se era por causa da bebida, mas não conseguiu distinguir a música que ele estava cantando. Vestia uma roupa de palhaço, calçados maiores que o pé, e levava consigo uma placa, que pelo que podia ler, dizia "Bloco do Eu Sozinho". Não sabia o que significava, então somente pediu desculpas ao sujeito estranho e continuou se esforçando para não cair.

O carnaval de 1919 aconteceu assim, breve e intenso, como a espanhola, e terminou nas cinzas de uma quarta-feira, com o povo brasileiro renascendo. Em alguma rua distante, ainda era possível ouvir as marchinhas carnavalescas, e ao caminhar, Espanhol murmurou a letra, terminando esta efeméride no passo certo:

*"O chefe da folia  
Pelo telefone manda me avisar  
Que com alegria  
Não se questione para se brincar*

*Ai, ai, ai  
Deixa as mágoas para trás, ó rapaz!  
Ai, ai, ai  
Fica triste se és capaz e verás!*

*Ai, ai, ai  
Deixa as mágoas para trás, ó rapaz!  
Ai, ai, ai  
Fica triste se és capaz e verás!*

*Tomara que tu apanhe  
Pra não tornar fazer isso!  
Tirar amores dos outros  
Depois fazer teu feitiço!*

*Ai, se a rolinha, sinhô, sinhô!  
Se embaraçou, sinhô, sinhô!  
É que a avezinha, sinhô, sinhô!  
Nunca sambou, sinhô, sinhô!  
Porque este samba, sinhô, sinhô!  
De arrepiar, sinhô, sinhô!  
Põe perna bamba, sinhô, sinhô!  
Mas faz gozar, sinhô, sinhô!*

*O peru me disse  
Se o morcego visse  
Não fazer tolice  
Que eu então saísse*

*Dessa esquisitice  
De disse-não-disse*

*Ah! ah! ah!  
Aí está o canto ideal, triunfal!  
Ai, ai, ai  
Viva o nosso carnaval sem rival!*

*Ah! ah! ah!  
Aí está o canto ideal, triunfal!  
Ai, ai, ai  
Viva o nosso carnaval sem rival!*

*Se quem tira o amor dos outros  
Por deus fosse castigado  
O mundo estava vazio  
E o inferno habitado!*

*Queres ou não, sinhô, sinhô!  
Vir pro cordão, sinhô, sinhô!  
É ser folião, sinhô, sinhô!  
De coração, sinhô, sinhô!  
Porque este samba, sinhô, sinhô!  
De arrepiar, sinhô, sinhô!  
Põe perna bamba, sinhô, sinhô!  
Mas faz gozar, sinhô, sinhô!*

*Quem for bom de gosto  
Mostre-se disposto  
Não procure encosto  
Tenha o riso posto  
Faça alegre o rosto  
Nada de desgosto*

*Ai, ai, ai  
Dança o samba  
Com calor, meu amor!  
Ai, ai, ai  
Pois quem dança  
Não tem dor nem calor!*

*Ai, ai, ai  
Dança o samba  
Com calor, meu amor!  
Ai, ai, ai  
Pois quem dança  
Não tem dor nem calor!''.*